

GABRIEL E O ANJO

ALARIDO DOS COMEÇOS

Tudo começa um dia. Qual pó desvairado em desavenças com o vento, o dia nasce sem amores perdidos. O Sol ama o céu e o céu ama o chão. O palácio ilumina-se com a crescente vida da estrela. O vento acaricia as árvores e as flores que repousam entre os espaços livres de relva. O dourado das paredes parece brilhar por momentos e o local acorda. A montanha que se situa longe dali ainda boceja da quente noite que acabou e os pássaros beijam-se e voam mais uma vez, procurando algo que comer. De fundo, ouve-se uma voz indefinida, não se percebe o que diz, mas acalma o ambiente de repouso que se instalou dentro e fora do palácio. Uma luz azul ilumina a Árvore e esta treme, não de frio, mas de amor.

Dentro do palácio, a luz do Sol entranha-se pelas janelas enormes de vidro resplandecente e ilumina os corredores. A manhã acorda e, lentamente, gente sai dos quartos que povoam o palácio. Um desses ainda continua com a porta cerrada, mas a luz não tarda a entrar pela fechadura sem chave, iluminando o pó que paira no ar e que pousa no suave corpo de Gabriel, que dorme profundamente. Poucos minutos passam, e Gabriel finalmente abre os olhos, duas pérolas arrancadas do mar, e olha o tecto, ainda sonolento. Os lençóis só lhe cobrem as pernas e o resto do seu corpo, como que trabalhado pelos grandes escultores da Grécia antiga, está exposto à vida. Sai da cama e dirige-se à casa de banho, onde toma um duche rápido e refrescante. Pequenas gotas de água beijam-lhe cada poro da sua pele e limpam-lhe os pecados da vida. Escorrem-lhe pelo corpo, umas caem sem querer, embatendo no chão duro e frio, outras agarram-se e deixam-se ficar. Quando acaba, Gabriel veste-se com a túnica habitual do palácio. Sai do quarto e encaminha-se directamente para o Destino. O Destino é apenas uma sala enorme, circular, com uma janela maior que o mundo, onde está o Velho, o homem que tudo sabe, o homem da experiência, o respeitado. Por vezes, Gabriel sente necessidade de falar com ele, sabe que ele é a única pessoa que o compreende e o ajuda. Quando chega, bate duas vezes à porta e ela abre-se, dando-lhe entrada. O Velho olha a enorme janela de vidro que se instala no lado oposto à porta por onde Gabriel entrou.

Imaginava que viesses aqui, Gabriel, passou tempo, diz o Velho, calmamente. Sim, tenho estado ocupado, senhor, responde. E a vida é isso mesmo – ocupações atrás de ocupações -, ainda permaneces no palácio, por isso, ainda tens muito no que te ocupar. Sim, hoje entraram novos membros, ainda não sei quem são, mas terei de os conhecer, durante a conferência, presumo que saiba. Sim, tenho vago conhecimento, Gabriel; que palácio mais estranho, vês, além da montanha, os caminhos que dão à cidade. Sim, vejo perfeitamente. Esses caminhos não existem, são mera ilusão, como o pó que vês a sorrir

para ti, Gabriel, Gabriel, Gabriel; hoje, estou contente. Ainda bem, senhor, mas, poderei perguntar o motivo. Chegou o Anjo, Gabriel. De que Anjo fala, senhor. O Anjo que o Sol anunciou, que o vento transportou e que hoje entrou pelos nossos altos portões; ele ama-te, Gabriel. Mas como, se ele não me conhece, pergunta Gabriel, confuso. Ele não, diz o Velho, sábio de suas palavras, mas eu sim. Sorrindo, o Velho caminha até à janela e beija o vidro. Este abraça-o e o Velho desaparece. Gabriel fica assustado, mas o ambiente relaxa-o e, então, senta-se no cadeirão do respeitado. Sabe que tem que ir brevemente, a conferência não tardará a começar e ele deve presenciar-se lá, não só porque tem essa obrigação, mas também porque alimenta uma certa curiosidade em saber quem é o Anjo que o ama, mesmo sem o saber.

Gabriel, então, levanta-se, olha de novo a janela por detrás de si, sorrindo levemente, e sai do Destino, enveredando pelos infinitos corredores do palácio, que se comem e entrelaçam como serpentes furiosas com a areia, desce as colossais escadarias que impem em altos pedestais e entra numa das portas laterais do Salão onde decorre a conferência. Ao entrar, Gabriel varre os olhos pela imensidão de pessoas que atentamente ouvem as palavras do orador. Nunca antes o Salão estivera tão apinhado de gente. Gabriel senta-se numa cadeira vazia e repara pela primeira vez que o chão é coberto por uma tapeçaria vermelha, com figuras douradas de dragões e cavalos alados. Sente uma magia especial por vê-la e pensa no Velho. Reflete sobre a luz que invade a vida, sobre o som dos violinos a serrar o vento e a admirar as pombas e a acalmar o Sol e a matar as nuvens e a fazer sorrir a lua e a aquecer os corpos e a amar o chão e a beijar os olhos e a abraçar Tudo.

Gabriel pensa na conferência que está a decorrer na sua transcendência e descobre que esta é a terceira vez que há uma destas reuniões. Não sabe a razão da sua existência, nunca consegue ficar atento ao que o orador diz – talvez demasiado aborrecido -, então, não sabe do que falam, do que discutem, do que decidem. Não sabe o porquê de entrarem novas pessoas para o palácio, não sabe o que é o palácio, não sabe a razão de lá estar, não sabe nada. Em toda a sua mente se povoam dúvidas. Em toda a sua existência nunca lhe dera vontade de perguntar. Apetecia-lhe acordar. No entanto, permanecia sentado numa cadeira com pequenos tufos de relva nascendo no chão e serpenteando pelo corpo de Gabriel. Muda tudo num segundo, e tudo fica igual noutra. Gabriel olha para os olhos de alguém que esteja perto, ninguém o vê, está sozinho. E o Velho estará onde? Continua varrendo os olhos pelo Salão e pensa no Anjo que não conhece. Quem será? Sonha com um ser branco, de olhos azuis, de cabelo claro, que ondula e se refresca ao

vento inexistente, cujo sorriso amedronta o medo e o terror e traz paz a quem o vê. Pensa na sua respiração quente e envidraçam-lhe os olhos. Tudo se cala e Gabriel ouve a suave melodia do canto do ar e dança sobre o pó e penetra a luz e deixa-se invadir pela vida. O orador continua a depositar algo nas mentes de quem o ouve e Gabriel suga o Salão com os olhos. O mar quebra a enorme parede por trás do orador e inunda tudo e todos, exceptuando Gabriel e o Anjo. O Anjo e Gabriel. Tudo roda, tudo circula em momentos. Tudo foge, tudo grita, tudo ama. Num corrupio, tudo se destrói e o tempo pára, torna-se imóvel, paralisado, petrificado. E tudo cai. E Gabriel e o Anjo desfiguram-se como vidro. Gabriel ainda pensa no mundo, como será fora do palácio, mas existem paredes invisíveis cercando-o. Qual prisão de paraíso. E os seus olhos olham. Deixa-se uma dúvida no ar, impossível de ser respondida. Gabriel continua sentado, sem prestar atenção à conferência que acontece em seu redor. Olha para o tecto dourado, em cúpula. O palácio é muito antigo, as suas colunas de mármore resistem ao tempo e seguram aquela bela monstruosidade. A luz continua a entrar, entra sempre, o calor invade os corpos, todos se juntam, todos se tocam, o pó esvoaça e arranca magia ao tempo, mas ninguém vê. Só Gabriel. E talvez o Anjo. Sorri. Quer saber quem é, pergunta-se se os novos habitantes do palácio se vão apresentar. Parece-lhe tudo irreal e, ao mesmo tempo, bonito. Quem será o Anjo? Porque apareceu? O que vem fazer? Porque o ama? Tantas perguntas, nenhuma resposta. A vida espera-lhe, a morte espreita-lhe, vencida. O orador levanta a voz e capta a atenção de Gabriel. Hoje, connosco, temos alguém bastante especial que é um novo membro de honra do palácio, diz ele; não é como nós, foi enviado pela chuva e trazido pelo vento por algum motivo que nunca compreenderemos; ele é um Anjo, conclui o orador. Todo o Salão se põe em burburinhos incessantes e Gabriel, olhando, procura desesperadamente o Anjo, precisa de o ver, de falar com ele, mesmo não sabendo nada sobre ele. Alguém na outra ponta do Salão se levanta, Gabriel não vê, e dirige-se para a elevação de onde o orador falava. É aí que Gabriel o vê. O Anjo. Ele não é alguém, ele é O alguém, ele seria o mundo, seria o vento, seria tudo e nada, seria a noite e o dia, mas é. É tudo, tudo, tudo. Sua pele parece seda pura, macia e fria. Seus olhos são duas pérolas de chocolate. Seus cabelos parecem fios de ouro caídos do Sol. Seus lábios são sangue de Gabriel. Suas mãos são tão perfeitas e inquebráveis como o diamante. A sua voz seria, se Gabriel a ouvisse. O Anjo não profere uma palavra, nenhum som sai da sua boca de nuvem. Apenas sorri. Porque estás aqui, Anjo, pergunta-se Gabriel. Porque me amas? E mais que tudo, porque ainda não olhaste para mim?